PQ9697
.C3765
P7
1927

PRIMEIROS VOOS

P7-1927 PERIODICALS
YEAR VOL. COPY
PARTIAL TITLE

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9697
.C3765
P7
1927

a 00003 855073

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

PURCHASED ON THE

DR. AND MRS.
JOSEPH EZEKIEL POGUE
ENDOWMENT FUND

PRIMEIROS PENÔOS

CARMEN CINIRA

CARMEN CINIRA

Ao grande e inconfundível poeta Murillo Araujo

homenagem sincera de Carmen Cinira

PQ9697
.C3765
P7
1927

C
MUF

Primeiros Vôos

(VERSOS)

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
PROPERTY OF
LIBRARY
AT CHAPEL HILL

1927

CARMEN CINIRA

Rio, 13-9-926.

Minha boa amiga.

A minha opinião? Aqui lh'a dou francamente e em poucas linhas:

Este livro é um verdadeiro milagre e nelle, desde as primeiras paginas, claramente se patenteia a grande, a enorme distancia que o separa do primeiro, ha pouco publicado. Quem em tão verdes annos e com a sua pouca instrucção chega a realizar obra assim quasi perfeita, rica, fórte, espontanea e cheia de scintillações, possue, de facto, um espirito superiormente dotado do instincto da Belleza, e sabe descobrir, não raro, a poesia das cousas e da natureza inspiradora.

Não me enganei no meu vaticinio, e é com immenso jubilo que verifico o extraordinario progresso realizado no curto periodo de alguns mezes. Já agora não hesito em affirmar que á Autora destes novos versos está reservado brilhantissimo futuro, e que o nome de Carmen Cinira hade refulgir em breve a par dos de maior prestigio no nosso Parnaso.

Com um longo e affectuoso abraço, receba os protestos da grande estima e da maior consideração do seu

Confrd., Am.º e admird.

Osorio Duque-Estrada.

A' memoria de

Osorio Duque Estrada

e

Raul de Leoni

uma sentida homenagem.

A minha querida prima Dra. Judith Santos
o devido apreço ao seu piedosissimo coração.

O cerebro caminha mais depressa que o coração, mas não vae tão longe.

CONFUCIO.

Como e porque

Não têm brilho nem ornato
Os versos que ando a compôr,
São como as plantas do matto
Nascem á tôa e dão flôr...

De minh'alma, unicamente,
Vem o gosto de rimar;
Como a cigarra inconsciente
Eu nasci para cantar...

1.ª PARTE

FOLHAS SOLTAS

A minha mãe

Só para padecer
E só para luctar,
Tu me trouxeste, um dia, ao mundo vil, no emtanto,
Eu bemdirei as dores que soffrer
Pela gloria sem par
De ter vindo de ti, ventre fecundo e santo!

A meu pae

Pae! A ti tenho consagrado
Um grande affecto, tão sublime e doce
Que um inferno tremendo de agonias
Eu soffreria, de bom grado,
Para que a tua vida inteira fosse
Um paraiso de alegrias!

Revolta

Ter n'alma um sonho lindo e um grande amor
No coração coagido e insatisfeito,
E não poder grital-os, superior
Aos ataques da inveja e do despeito!

Ah! de que servem asas de condor
Num carcere mesquinho — o preconceito?
O' codigo social, jugo oppressor,
Quando has de ter um fim, tombar desfeito?

Mas eu não me conformo com algemas
Porque possuo aspirações supremas
Nesta ansia de crear e de vencer...

Porque, embora captiva e incomprehendida,
Eu não devo e não quero ser na vida
Apenas, simplesmente, uma mulher!

Brasil

A Catullo da Paixão Cearense

Brasil! Terra fecunda, ressumante
De belleza, de cores, de harmonias...
Que tens no seio ardente, palpitante,
Um turbilhão de gemmas luzidias...

Por sobre os montes, nas regiões bravias
Ostentas a floresta exhuberante
Reino de incomparaveis melodias...
— Nem ha Terra que em nada te supplante!

Amo ver-te, ao crepusculo, as montanhas
Que se revestem de feições estranhas,
Ouvindo-te a cigarra cantadeira...

E enlevada, vibrante, commovida,
Sinto orgulho de ti, Patria querida,
Bella entre as bellas, Patria brasileira!

Semelhança

Ao meu querido e illustre tio Professor Silva Santos o mais completo exemplo de modestia que conheço.

O divino festim da primavera!
A algazarra dos passaros felizes...
A luz viva do sol que no alto impera
Fecundando sementes e raizes...

Flores... flores por toda a natureza
Nos valles, nos vergeis, sobre a corrente...
— Ah! foi na primavera, com certeza,
Que, num extase, ouviu Eva a serpente...

Inda ha pouco crysalidas inquietas,
Adejando entre ramos e entre flores,
Vê-se uma multidão de borboletas
Abrindo á luz as asas multicores...

Mas não te invejo a esplendida belleza
E os encantos subtis
Porque te contemplando, ó natureza,
Eu sorrio feliz...

(Que importa a dôr que ás vezes me lacera
O coração? A vida é mesmo assim...)
Eu tambem tenho a minha primavera!
Eu tambem tenho o meu festim!

Tambem á luz de um sonho lindo e ardente ;
Como, dos arvoredos, pelas franças,
Cantam-me n'alma alegremente
Passaros verdes, verdes esperanças!

Eu tambem tenho, de ternura,
Um formoso e recondito jardim
Onde ha lyrios de immacula brancura,
Onde ha rosas de sangue e de carmim...

Chegue embora a velhice, o inverno triste,
Hei de trazer-te em mim, ó primavera!
(Si ao tempo o fragil corpo não resiste
A alma do sonhador pouco se altera...)

Sómente a tua luz, que me inebria,
Será mais branda nos reflexos varios,
Como o frouxo clarão que o sol envia,
Atravez dos vitraes, aos santuarios...

Já não terás, minh'alma, tão febris
Gorgeios, nem tamanhas ansiedades...
Serás ninho de meigas juritys,
Primavera... vergel... só de saudades!

Presentimento

Bem sei que a vida é um reino de tormentos,
De inveja, hypocrisia e de abjecções...
A gente sonha tanto e os soffrimentos
São tão profundos nas desillusões!

Mas para o olhar que é puro e tudo enfeita,
Para o que é forte e vence os dissabores,
Si a vida tem espinhos e é imperfeita
Tambem seduz, tambem tem lindas flores!

. . . . . .

Morrer! Morrer quando se ama,
O coração sedento de carinho...
Morrer qual flôr que mal se abriu na rama
Vem desfolhal-a o furacão damninho...

Sentir o frio da mortalha
Em pleno ardor da primavera!
Morrer quando a alma inda agasalha
Uma dulcissima chimera,

Ebria de sonho e de alegrias mansas!
Oh! que pena morrer
Quando se tem um mundo de esperanças
E uma ansia louca de viver!

Esphinge

A Olegario Marianno

Supponho que, revendo o meu passado,
Tudo quanto queria realizei.
Tenho a impressão feliz de haver libado
O goso das conquistas que sonhei...

E como com razão, diz o dictado
"O amor é surdo a toda e qualquer lei"
De varios modos eu já tenho amado,
Quanto se póde amar na vida, amei...

Por que então é que em mim, latente, vive
A saudade de um bem que inda não tive?
Por que presa de uma ansia eterna eu sou

Si a minh'alma nem sabe o que procura?
Por que sinto este tedio, esta amargura
E o vacuo immenso de quem nunca amou?

Dualismo

Minha'alma nem és torpe nem és pura...
Bem que te prescrutei numa ansia vã!
Tens ás vezes dos anjos a candura
A's vezes tens astucias de satan...

Eu

Sempre o contraste! (Si o meu ser consiste
Em paradoxos que explicar não sei...)
Inda hoje estando triste, muito triste,
Por longo tempo, sem querer, cantei...

Immarcessivel

A Adelmar Tavares

As virentes ramagens enflorando
Ergue-se o arbusto para o espaço infindo...
Buscam-lhe o seio ameno aves em bando
Os sonoros gorgeios desferindo....

Num mesmo gesto barbaro, nefando,
— E nenhum mal lhes fez o arbusto lindo! —
Mãos brutaes passam galhos decepando
E o tronco forte, uberrimo, ferindo...

Mas elle vae brotando, immarcessivel,
A despeito das chagas e dos damnos
Que lhe causam os golpes mais medonhos...

Assim és tu minh'alma incorrigivel
Sempre ferida pelos desenganos,
Sempre, com o mesmo ardor, florindo sonhos!

Tudo pelo amor

A Marina de Padua

Só tu, amor, com tuas aureas teias
E o teu poder maravilhoso, occulto,
As nossas almas com ternura enleias,
Nesta vida de tedio e de tumulto...

Pelos bens e os encantos que semeias
— O' suprema conquista por que exulto! —
O proprio sangue que me tinge as veias
Eu daria por ti, para o teu culto...

Bemdito sejas, Deus da minha crença!
Deixa-me, para sempre, assim suspensa,
Presa da tua deliciosa trama...

Que a maior das venturas só se exprime
Nas loucuras de amor que o céo redime
E no doce martyrio de quem ama!

Dor de amar

Fitar o occaso, o plumbeo firmamento
Quando a noite já vem perto
E quedar pensativo
Numa vaga tristeza, a suspirar...

Ouvir uma romanza ou uma sonata
E sentir, sem saber porque motivo,
Como que uma vontade de chorar...
Um singular aperto...
Um micto de arrebatamento
E de anseio que opprime e que maltrata...

Olhar nos olhos a creatura amada
Querer contar-lhe tudo
E ficar quedo e mudo
Sem poder dizer nada!
Então, diaphana e sublime,
Como um formozo diamante,
Uma lagrima dorida,
Silenciosamente,
A's palpebras afflora...
Lagrima nascida
Do desejo infinito de dizer
Lindas phrases de amôr que a alma enthesoura,
Dessa ternura transbordante
Que domina e que enleia o nosso ser

Numa completa absorpção!
Lagrima que exprime
O profundo pesar
De não poder mostrar
Esa alegria embriagora
De pertencer ao ente que se adora,
Que um coração apaixonado sente
Em ser escravo de outro coração...

Sonhar...

A Leonor Posada

A vida! Longa estrada a percorrer,
Com seus escolhos e vicissitudes,
Que os scepticos palmilham sem prazer
E sem contemplativas attitudes...
Sómente os sonhadores,
Cheios de crença e de desejos,
Fazem surgir em tão penosa lida
Arvoredos bemfazejos
De fructos de oiro, tentadores,
E cuja sombra é o balsamo da vida...
Sonhar
E' viver duplamente uma existencia...
E' ter no coração, n'alma, no olhar,
Um quer que seja da divina essencia...
E' ter comsigo chamma deslumbrante
Eternamente accesa,
Uma fronte creadora, exhuberante,
E milagrosa de Belleza...

Outrora

Em plena matta onde, um zumbido, avulta,
De insectos pelas ramarias,
Uma caverna existe, semi occulta
Por samambaias crespas e bravias...

Um cheiro forte de resina
E de fructos selvagens paira no ar...
Suavemente o vergel todo illumina
A lua cheia, magestosa, a errar...

Além, os olhos pardos e faiscantes
Ao som de folhas seccas machucadas,
Passa um casal de tigres quaes amantes
Vagando pelas noites enluaradas...

Deitado, abrindo as fauces, o leão
De juba espessa vela,
Passeia a vista na amplidão
Como si procurasse alguma estrella...

Como que a natureza sonha, quieta...
A um tronco recostados
(Ella a rosa da selva, elle a imagem do athleta)
O homem e a mulher contemplam-se calados...

Curtas, as suas vestes, são de couro...
Numa emoção que os inebria
Dizer não sabem phrases de ouro
Nem conhecem ainda a hypocrisia.

Ella tem sobre a fronte de rainha,
Uma corôa rescendente
De flores alvas que a tardinha
Elle colhera propositalmente...

E do homem, a mão rustica deslisa,
Num doce affago, pela cabelleira
Comprida, negra, velludosa e lisa
Manto augusto de sua companheira...

O seu olhar de enamorado
Fala de amor como o mais lindo poema
E envolve o corpo desejado
Numa caricia suprema...

Depois beija-a...porém seu gesto é brando
E tão subtil, o instante é tão risonho,
Que ella nem sabe si elle a está beijando
Ou si vaga perdida em algum sonho...

A morte da borboleta

A' INESQUECIVEL NINA'

Nasce o sol aclarando toda a matta...
O passaredo canta alegremente...
Recem-desabrochada uma rosa escarlata
Perfuma o ambiente...

Surge uma borboleta que esvoaçante,
As polychromas asas refulgindo,
Quasi sem forças, offegante,
Busca beijar da flôr o rosto lindo...

Mal consegue tocal-a, todavia,
Sem que lhe sorva o nectar feiticeiro,
Tomba encolhendo as asas na agonia
Para abril-as no espasmo derradeiro...

E, sobre o corpo pequenino,
Da corolla setinosa
Cahem gottas de orvalho crystállino
Como si fossem lagrimas de rosa...

Angelica

Flôr delicada, ó flôr paradoxal!
— Por isto mesmo entre as demais te acato —
Lembras na côr tão pura e espiritual
Flores de altar, de noivas e recato...

Com teu perfume embriagador, sensual,
Tanta volupia acordas pelo olfacto;
Tens um poder evocativo tal
Que um pensamento inspiras, insensato...

Pois me emprestas ás palpebras cerradas
E ás narinas arfantes, dilatadas,
Uma impressão difficil de vencer;

Como si mãos o corpo me affagassem
E boccas abrazadas me beijassem
Num felino, diabolico prazer!

Amar

Amar é bemdizer toda a inclemencia
Das magoas com que o amor nos aquebranta...
E' sentir de um rosal intimo a essencia...
— E a commoção que nos embriaga é tanta!

E' achar conforto nessa penitencia
De soffrer por alguem que nos encanta...
E' ter o premio summo da existencia:
Bem que só elle os demais bens supplanta!

Amar é ter no peito um mundo occulto...
E' andar, como quem segue estranho vulto,
Sempre alheio...E' vêr tudo e não ver nada...

E' viver, como num deslumbramento,
Tendo a alma, o coração, o pensamento
E os olhos cheios da creatura amada!

Por que?

Por que nasci tão crente e destemida?
— Ovelha, enfrento sem temor, hyenas...
Por que cumpro, a cantar, a minha lida
Como si só fruisse horas amenas?

Por que não me apavoram as terrenas
Miserias e os negrores desta vida?
Por que é que não me abatem tantas penas?
Por que não sou, emfim, desilludida?

Porque, nas suas attitudes mansas,
A transbordar de anhelos e esperanças
E entregue ás sensações de um mesmo engodo,

Alheia ao mal minh'alma aos céos se eleva
Sempre buscando ver a luz na treva
E thesouros sem par dentro do lodo...

Belleza interior

A D. Eugenia Padua

Sentir nos olhos lagrimas afflictas,
Misericordiosamente,
E o coração ferido ante as desditas,
Sempre que a magoa de outrem se apresente,
E' ser nobre e desprendido,
Não importa
Passe no mundo incomprehendido!
A bondade por si já nos conforta...
E a verdadeira superioridade
Vê-se enfrentando o soffrimento alheio
Quando pelo milagre da humildade,
O forte ao fraco se nivela, cheio
De compaixão sentindo a mesma desventura...
Quanta delicadeza
Ha nessa indefinivel formosura
— O' candida belleza! —
Fonte que um goso puro, unico, encerra!
Aureola que illumina as almas bem formadas,
Eleitas sobre a Terra,
Quasi perfeitas, depuradas!
. . . . . .

Ainda que appareçam,
Em tuas faces, rugas prematuras,
E os teus cabellos enbranqueçam
Por sentires do proximo as torturas,

Nunca sejas egoista e indifferente
E nem te invada uma qualquer tristeza,
Que assim conservarás sublimemente
A belleza moral, a suprema belleza!

A Fé

A D. Cecy

Na fé reside a salvação.
Que importa o riso dos descrentes?
Certo, hão de vêr de modos differentes
Os que a metade já galgaram
Da ingreme escada Perfeição
E os que não se animaram
Do sublime fervor
E impavidos, serenos,
Não souberam ao menos
Os primeiros degráos dessa escada transpôr...

Offerenda

(No dia de Reis)

Trago-te cheia de fervor
Não incensos, não hymnos nem riquezas...
Offereço-te, Senhor,
As minhas pungentissimas tristezas,
Meus prantos de amargura!

O' principe da Terra!
O' principe dos céos
Trago-te tudo que meu peito encerra
De dôr: as injustiças... os labéos.

O' menino Jesus,
Que eu vejo em teu presepio sacrosanto,
E' tão pobre esta offerta! O que soffri
Tão pouco! Pois levando a minha cruz,
Na fronte espinhos que me ferem tanto,
Sinto-me indigna de chegar a ti!

Sinite parvulos

Bemditas sois creaturas mansas,
Flores de estranha redolencia,
Que pareceis a todos creanças
Porque guardaes tanta innocencia!
Foi por essa candura
Que as almas doira
Que nos labios divinos,
Toda doçura,
Brotou a phrase immorredoira
Deixae virem a mim os pequeninos!

Magoa infantil

Vespera de Natal
O céo parece uma arvore de altura,
Colossal,
Que de lanternas tremulas fulgura...

Noite de encanto evocadora!
Maria mãe bemdita ao lado de José
E nascendo na humilde mangedoura
Jesus de Nazareth!

Jesus! O redemptor da humanidade
Mensageiro da Paz da perfeição,
Trazendo immenso de piedade
E de ternura o coração...

. . . . . .

No jardim do rico, em flôr,
Papá Noel entre outros arvoredos
Armou o seu — e que primor
De luzes e brinquedos!

Ouvindo palmas, gritos de prazer,
De uma casa de commodos visinha,
Uma pequena corre, quer saber
Porque tanta alegria, coitadinha!

Que surpresa! Bonecos, carros, fitas!
Mas pensa (si o destino lhe é cruel...):
Eu nunca tive cousas tão bonitas
Oh! quanto é máo este papá Noel!

E nas pontas dos pés, alongando o pescoço
Na ansia de tudo descobrir
Segue o alvoroço
O coraçãosinho a fremir...

Na calçada em farrapos, esquecida,
A pobresinha fica a olhar
Entre invejosa e embevecida
Quasi a sorrir...quasi a chorar...

A morte

Só tu, que abres as portas do Mysterio
E os corpos mais perfeitos desfiguras,
Libertas nossas almas das torturas
Da carne vil, num doce refrigerio!

Nesse teu manto gelido e funereo
Envolves, por egual, as creaturas
Ricas e pobres, celebres e obscuras
Não se podem furtar ao teu imperio...

Para que odios e orgulhos vãos de mando?
A Morte irmana a todos e em chegando
Fica na Terra tudo que alcançámos...

A alma leva sómente, desprendida,
Todo o bem que fizemos nesta vida
E todo o mal que nella praticámos...

Felicidade

Felicidade! Estrella fugitiva...
Celeste apparição
Tão branca e tão esquiva
Que não se alcança
E que se segue em vão,
Sem sentir,
Porque ella sempre avança
A sorrir, a sorrir!
Cremos ás vezes segural-a:
Depressa o engano se desfaz...
Porém, ninguem recua
E, na ansia louca de alcançal-a,
A gente continua
A jornada fallaz...

Tantalico

Olho uma chacara fronteira
Que lindas fructas pendem das ramadas!
Vem um pequeno e a grade de madeira
Transpõe para colhel-as...

Como te invejo, impavido pequeno,
Pois a tua ansiedade
Satisfazes sereno!
Que as fructas prohibidas, cobiçadas,
Desse estranho pomar — Felicidade
Vejo-as quasi tão altas como estrellas...

E eu não posso galgar o seu gradil!

Oh! tormento sem par
A attracção do impossivel!
Ficar a gente na ansia mais febril
Labios sequiosos, deslumbrado o olhar,
Deante de um Bem inaccessivel!

Recordar

Qual de nós não possue occulta chaga,
Um cofre de amarguras
De um passado que o tempo não apaga?
Recordar... a tortura das torturas!
Porque a recordação
Faz sangrar a ferida de repente
E' como agudo espinho que se sente
Em pleno coração...

Ingenuidade

Em certa noite escura, um soberbo brilhante
Com immensa alegria,
Viu qualquer cousa scintillante
Que estranha lhe parecia...

E foi numa attitude embevecida
Que elle pensou comsigo assim:
Certo é uma estrella fugida
Que eu tenho deante de mim!

Eis que se move a falsa estrella
E o corpo estende, ó desencanto!
Toda a verdade se revela
Ao seu olhar cheio de espanto:

Era um verme escamoso, enrodilhado,
Que principiara a rastejar
E a propria luz do enamorado
Por momentos fizera scintillar...

No amor, na vida, nos fados
Ha historias bem semelhantes...
Quantos vermes disfarçados!
Quantos ingenuos brilhantes!

Incontentada

"Tu que encantos possues, perturbadores,
Abre-me esta alma scintillante e pura,
Que mal te inquieta e acerbo te tortura?
Porque és tão triste? Expande as tuas dores...

Que triumphos mais queres? Por ventura
Não és causa de supplicas e amores?
— E ha de ser sempre assim por onde fôres
Que tanto póde a tua formosura..."

E a Bella, os olhos humidos de pranto:
De que vale tudo isso, no entretanto,
Si eu mendigo da vida a melhor palma?

Si em nada acho prazer nem lenitivo?
Si o coração não logro ter captivo
De quem serva me tem de corpo e de alma?

◆ ◆ ◆

Si conservares apezar da edade
E depois de profundas decepções
Essa infantil serena ingenuidade
Que ha na tua alma, ninho de illusões,

E' que um fanal bemdito te illumina
E guardas um thesouro teu, sem par,
Como uma fonte pura e crystallina
Que o lodo não logrou jamais turvar...

Falando ao coração

A Virginia Victorino

Coração franco, terno e simples de creança,
Porque divinizar creaturas banaes?
Meu pobre coração desolado descansa
Desse inutil martyrio, és sensivel demais!

Essa tua feição tão delicada e mansa
Só te póde trazer desenganos fataes!
Bem vês ninguem comprehende, ó sim, ninguem alcança
A belleza, a candura, o ardor dos teus ideaes...

Corrige-te, porém, fingindo que és o mesmo...
Vive sem illusões, despreoccupado, a esmo,
Si queres ser feliz em vez de soffredor..

Não mais te prenda o sonho ao seu deslumbramento,
Faz do Amor, teu algoz, méro divertimento
Seduz, conquista, zomba e vinga a tua Dôr!

Lagrimas

As lagrimas de quem, consciencia pura,
Soffre labéos e iniquos anathemas!
De quem, preso ao remorso, em vão procura
Libertar-se de tão crueis algemas!

As de saudade crystalinas gemmas
Em que á emoção o allivio se mistura!
As lagrimas de mãe, santas, supremas,
Que traduzem poemas de ternura!

Porém as mais profundas e doridas
São as que lembram quando, a sós, vertidas,
O lenhador e a paga da serpente...

Pois bem triste é saber (golpe mesquinho!)
Que a mão que recebeu maior carinho
Foi a que nos feriu mais friamente...

Taça maldita

Eu suppliquei num brado angustioso
Proprio de quem a salvação procura :
Dá-me, ó Destino, o ambicionado goso
Quero provar do Amor toda a ventura!

Mas elle incomplacente, caprichoso,
Urdindo a traiçoiera tessitura,
Deu-me a beber um vinho delicioso
Na taça envenenada da Amargura...

E, á cruel decepção que me devora,
Redobram-se os pezares meus de outrora
E um profundo desanimo me invade...

Certo, fôra menor minha desdita,
Si eu não tocasse essa taça maldita
E morresse de sêde e de ansiedade...

No palco da vida

Dizem que um habilissimo palhaço
Perfeito no mistér de fazer rir
Entre saltos mortaes, gyros ao espaço,
Deante da turba viera a succumbir...

E elle que tinha nervos, fibras de aço,
— Que importa ao mundo o alheio, atroz sentir? —
Tombára para sempre, o corpo lasso
A' força de seus males encobrir!

Estalára-lhe o peito de repente...
— Meu coração! teu drama é mais pungente
Pois não vives, nem morres afinal...

Nessa agonia eterna, angustia louca,
Embora eu tenha o riso á flôr da bocca
Trazes, preso ás entranhas, um punhal!

Vesti la giubba

Não ha trecho de musica como esse,
Que tanto me commova e assim me agrade:
E' como si invisivel mão tangesse
A minha propria sensibilidade...

E' como si um vulcão, em mim, houvesse,
Numa apparencia de serenidade,
Cuja lava, de subito, irrompesse
A' estranha sensação que o ser me invade...

Punge-me um mixto de extase e de magua,
Meus olhos ficam tristes, rasos d'agua,
Num desfallecimento, o corpo lasso...

E me parece que oiço, o seio arfando,
Vibrar minh'alma e minha dôr cantando
Na garganta sonora do palhaço...

Esquecer

Entre meditações vago perdida
E confronto o passado com o presente...
Que de susprezas nos reserva a vida!
Que caprichos, contrastes, tem a gente!

Como póde ao despreso dar guarida
E se tornar sereno, indifferente,
Quem ha pouco de zelos incendida
Tinha a sua alma, impetuosamente?

Depois de chamma rutillante, um dia,
Transmudar-se em inutil cinza fria!
Eis a sorte de todo despresado...

O' vingança feroz de quem esquece!
Pois a ser esquecido, me parece,
Antes, mil vezes, nunca ser amado!

Prudencia

O coração do poeta é como o mar
Que nas ondas, lascivo, o dorso apruma
Nelle o desejo freme sem cessar
E o amor surge e desfaz-se como a espuma...

O poeta tem segredos tão subtis,
Sua voz é tão doce e feiticeira,
São tão lindas as cousas que elle diz
Que a gente crê, mesmo não queira...

Ao ouvil-o, que estranhas sensações!
Que musica innefavel nos ouvidos!
Fica a alma de alegria quasi louca...
Passam pela retina mil clarões...
Como ramos floridos
Pendem beijos da bocca...

O poeta a que loucuras não conduz!
E que alma de mulher não prende e encanta?
Cada phrase de amor é um abysmo-seduz!
E cada verso uma sereia — canta!
.....

Eu não te quero, poeta encantador,
E's voluvel demais para meu zelo,
Fôra grande ventura o teu amor
Mas bem maior a angustia de perdel-o!

Tuas palavras lembram-me um veneno
Roseo contido em taça de crystal...
Meu coração dorme sereno,
Não lhe perturbes, Flôr do Mal!

Flôr que ao colhel-a se reduz a espinho
Deixando um pranto de saudade atroz...
Ave que mal constróe o ninho,
Parte veloz...

Queres entrar no meu destino
Como estrella fugaz...
Busca outro pouso, peregrino,
Deixa-me em paz!

Não lhe oiças os protestos fascinantes
— Anda a prudencia a me dizer
Para que ser feliz por uns instantes
E a vida inteira desgraça ser?

Eu não te quero, poeta encantador,
Cuja estrada de triumphos mil se junca,
Depois do meu amor um outro amor
Não, isso nunca!

“ Ai de quem crê nos teus ardores, poeta!”
Pudera! Que a verdade é bem patente:
Si elle sabe sentir o que interpreta
Traduzir tambem sabe o que não sente...

O pastor e as ovelhas

A Judith o meu reconhecimento.

A' beira de uma estrada
Que lembra a vida
Com os revezes que contém
Um pastor existia, alma abençoada,
Para um mistér raro e divino
Que era a sua ventura mais querida:
Fazer o bem.

Muitas ovelhas soffredoras,
Cumprindo cada qual o seu destino,
Passavam por ali
Umas vinham com chagas torturantes,
Outras com frio, sob a tempestade,
Outras famintas e sedentas,
E outras mais, nas pupillas supplicantes,
Nos olhos tristes, baços,
Reflectiam a dôr da solidão,
A saudade de um aprisco,
A ansia de uma caricia, um collo amigo,
Que as ovelhas tambem têm coração...
E elle, sem ver escolhos nem tormentas
E sem cuidar de recompensa ou risco,
Esquecido de si,
Com suas mãos piedosas, bemfeitoras,
Buscava-as, dando-lhes um doce abrigo...

. . . . . .

Sou uma das ovelhas que em teus braços
Acham remedio para qualquer dôr...

Bemdita sejas, flôr de caridade!
Teu coração é como este pastor...

Affinidade

Sempre me segue esta melancolia
Fonte perenne de secretos ais
Mas nos dias chuvosos, de invernia,
Como que recrudesce e punge mais...

Ao ver-te assim tão triste, ó natureza,
Os olhos scismarentos, rasos d'agoa,
Como que sinto em mim tua tristeza
E em ti se espelha toda a minha magoa...

Quando chove, minh'alma, faz lembrar
Uma freira, alvo o manto, em desalento,
Como uma apparição, lenta, a vagar
Numa sombria sala de convento...

2.ª PARTE

ROSAS E ESPINHOS

Cantico dos canticos

A' Maria Lacerda de Moura.

Minh'alma pela tua, ansiosa, clama
E te abre as portas de ouro do meu sonho,
O Ideal dos Ideaes,
Com desvelos de mãe que o filho chama
Para apontar-lhe, de um paiz risonho,
Desconhecido,
As maravilhas sobrenaturaes...

Quero ver-te perdido
Nessas extensas galerias de Arte,
Nesse mundo radioso de Belleza
Que ninguem sabe ver...
Quero mostrar-te,
Para que o sintas, cheio de suspresa,
Todo o esplendor que abrigo no meu ser!

Quero que cantes, a alma commovida,
Meu anseio febril de Perfeição,
Meus extases profundos e absorventes.
O meu deslumbramento pela vida
Como a vejo, na minha exaltação,
Para que sonhem todos os descrentes!...

E do meu seio
Pois como que em mim trago
Um mysterioso veio,
Extrahe a lympha crystallina e pura
Para os que vivem sós sem um afago,
Para os que são sedentos de ternura!

E suavisa a aspereza dos abrolhos!
Ha pela Terra tanto soffrimento!
Tanta existencia sem conforto e calma
Que os egoistas encaram com desdem!
Canta a doçura desse sentimento
Que me põe lagrimas nos olhos,
Essa vontade de espalhar o bem...
Canta a piedade immensa de minh'alma:
Esse carinho é o pão dos desgraçados!
Sê tu o interprete, afinal,
Dessa linguagem doce, musical,
Dos meus anhelos sublimados!

E então eu serei tua meu amor...
Pensa quanto é sagrado e superior
Esse desejo infindo
De plasmar obras-primas! Considera
Essa volupia que ha na concepção
De um ente lindo
Como os crepusculos de maio em flôr,
Como as manhãs de primavera,
Terno como Jesus e sonhador
Maior do que Platão!

Não esperes de mim o amor de toda a gente
Cheio de luxuriosos desatinos...
Si és capaz de entender meu coração,
Entrega-me a tua alma plenamente,
Para o amor dos que sabem ser divinos
Dentro da humana imperfeição..

Suave milagre

Eu que tinha a existencia insipida e vasia
Sinto-a plena de encanto e tumultuosa agora:
Um grande amor nascente, uma doida alegria
Que a alma vibra e fecunda e as forças revigora...

Surge da bruma espessa, em rutila porfia,
Uma linda alvorada emocional, sonora,
Meu ser, na exaltação suprema que o inebria,
De ignotas sensações mirificas se enflora...

E por que essa integral mudança surprehendente?
Porque me appareceste inesperadamente,
Tu que fazes lembrar no porte nobre, esgalgo,

Cavalheiros gentis de lyricas baldas...
Tu que guardas na voz doçuras requintadas
E nos gestos possues requintes de um fidalgo!

Se me quizesses...

Por tua causa é que ando consumida
Num frequente e nostalgico scismar...
Que ansia de teu carinho me trucida!
Que sede de teu beijo e me abrazar!

Quanta felicidade inattingida
Atraves desse calmo e frio olhar!
Quanta alegria para a minha vida
Si o teu affecto viesse a conquistar!

Talvez seja melhor que me não queiras
Pois sinto que faria sem temor
Absurdos e loucuras verdadeiras...

Não mais seria ponderada e forte:
Si me quizesses, pelo teu amor,
Eu iria sorrindo para a morte!

O beijo que se não deu...

Sonhei que entrando num vergel florido
O jardineiro, um principe encantado,
Fez-me um bizarro singular vestido
De uma sanguinea flôr, todo rendado...

Para a gloria suprema de teu fado
Estás completa, disse envaidecido,
E's a Belleza, a Vida, és o Peccado
Que a propria juventude ha redimido.

Semi-nua — e o meu corpo rescendia
Sahi: tu me esperavas. Que alegria!
O amor colheu-nos na formosa rede...

E ebrios ficámos num ficticio goso,
Eu de téus labios — colibri medroso
Tu de meu beijo — mel de que tens sêde!

O que eu diria...

Eis-me aqui finalmente!
E' um hymno, de harmonias, o meu ser!
Vê que emoção profunda e ardente
Me faz tremer!

Não vês? Toda essa magoa que me invade
E o meu olhar absorto não contem
E' a dôr que nasce da felicidade
Que a gente sente quando quer a alguem...

Minha ventura é tanta, tanta,
E de tal modo me inebria
Que um soluço me explode da garganta:
Eu choro de alegria!

E se visses a rota palmilhada
Em busca de teus braços
Em busca de teus beijos...
Este amor é a sagrada labareda
Que, a minh'alma incendiando,
Illumina os espaços,
Enche-os de explendidas scentelhas!
E por onde passei, transfigurada,
O meu desejo
Como que um rastro foi deixando

De rosas embriadagoras e vermelhas !
Tenho alguma tristeza
De não ter sido tua
Quando devera ser
Pois me entregara, voluntaria presa,
A ti, por quem meu sangue tumultua
Quasi menina, quasi mulher...

Mas o destino assim não quiz...
Embora!
Eu me julgo feliz ;
Toda a belleza que ha na vida
O meu sonho resume !
Encontrei-te afinal !
Meu grande, unico amor, sómente agora
E' que minh'alma vibra, embevecida,
— Noiva, sem o saber, chorava a tua ausencia ! —
E em ti derrama o seu perfume
Que lembra uma laranjeira virginal
Em plena florescencia...

Transfiguração

Ruge em minh'alma, ruge no meu seio
Uma revolta hyenica, incontida,
Meu despeito parece, de odio cheio,
Uma féra de subito ferida...

Que é da torre de orgulho onde eu sorria
Imperturbavel, coração liberto?
Desmoronou-se como por magia
Estou captiva...e a fuga em vão concérto...

Não sei porque me vences e fracasso,
Sei que farás de mim o que quizeres
Pois teu poder torna-me o corpo lasso,
A mais fragil de todas as mulheres!

O teu olhar... ah! lembra o teu olhar,
Que em mim desperta sensações estranhas,
Uma serpe de fogo a deslisar
Nos meus nervos, queimando-me as entranhas...

Ver-te as pupillas fulgidas, escuras,
De fluidos de magnetismo,
E' sentir a vertigem das alturas,
Rolar de abysmo em abysmo...

As tuas mãos,
Ao carinho propicias,
São estrellas de carne
Cujas irradiações, no gesto mudo,
Minh'alma segue a cada instante
Como um felino colleante
Em busca de caricias...

As tuas mãos!...
Conchas rosadas de velludo!
Põe-nas sob uma fonte crystallina
E dá-me de beber
Nas tuas mãos!...

Fofos escrinios de setim...
Oh! como desejava, ás vezes, ser
Tão pequenina,
Emfim,
Que o meu corpo coubesse em tuas mãos!

A tua voz, que me enche de surpresa,
Todo o poder,
Receios e obstaculos
Faz-me esquecer...
Ella é o ventre sonoro, gerador
Do meu desejo tormentoso e ardente
Que é como um polvo, ao descobrir a presa,
Estendendo os innumeros tentaculos
Voluptuosamente,
Antegosando o barbaro prazer...

E esta bocca aromal bem modelada,
Lembra um talho recente, de frescor,
Na polpa ensaguentada
De um fructo rubro e tentador...

Bocca fatal que desafia
O meu labio faminto...
Ao vel-a que agonia
Dentro em meu peito sinto!

Poder beijal-a numa louca,
Selvatica expansão...
Grandes beijos de amor...Na tua bocca
Reside a minha perdição!

Omnipotente

A borrasca vem proxima e tremenda
Nada, no emtanto, me demove e inquieta,
Que uma força invencivel e secreta
Me encoraja e me attrahe para a contenda...

Que esta alma, pois á grande altura ascenda,
Da Inspiração transponha, ufana, a meta,
E floresça, ao amor que ora se enceta,
Uma ventura edenica, estupenda!

Brilhem fuzis... o vento sopre rudo...
Rujam trovões estremecendo tudo
E os seres, no pavor, deixando immersos:

Inda has de ouvir de rouxinoes um bando,
Mesmo em plena torrente, celebrando
A gloria de ser tua, nos meus versos!

Tu

Tens uns olhos brejeiros e risonhos,
Uns olhos ideaes
Que cantam alegrias e esperanças...
Vendo-os, mansas miragens dos meus sonhos,
Como que oiço partirem-se crystaes
E a risada sonora das creanças...

Por que não sou, junto de ti, serena
Por que será que só te vejo assim?
Quando te enfrento fico tão pequena!
Tu és como um gigante para mim...

Meu lindo monstro que és maior que o céo
E aos meus olhos dominas o infinito:
Tudo se some atraz do vulto teu
Desde o sol á montanha de granito...

Tu que creaste um mundo na minh'alma,
Toda uma primavera, de esplendor,
Vê nos meus olhos como — eis tua palma —
E' possivel ser Deus e o que é o Amor!

Nossas almas

Si é mister que, por exigencias duras,
Nossos caminhos sejam bem distantes
Por que, sem vêr applausos nem censuras,
O acaso os convergiu? Gratos instantes...

Si os nossos corações, ternos amantes,
Transgridem preconceitos e escripturas
Por que Deus fez assim tão semelhantes
As nossas almas sonhadoras, puras?

Renunciar...fugir...de que servira
Falsamente esconder ardente pyra,
Separar nossos corpos, nossas vidas,

Si as nosas almas, mesmo além da morte,
Hão de continuar da mesma sorte,
Vivendo mais que juntas: transfundidas?

A voz do olhar

Este amor é o segredo immaculado
Que ambos temendo uma profanação,
Occultamos com zelo e com cuidado
No cofre onde nasceu — o coração.

Mas si este esforço é util ou si é vão
Nem eu sei nem tu sabes, bem amado,
Dizem que os olhos traiçoeiros são
Revelam mais que o labio enthusiasmado...

Que o nosso olhar evite o olhar alheio
Porém, quando sosinhos, sem receio,
Deixemol-o contar nossos fervores

Para que ouçamos, em silencio, ufanos,
O mais perfeito amor entre os humanos,
O mais bello de todos os amores!

Dominio

Outro diria: "E's tudo quanto almejo...
Toda a ventura em tua ausencia é pouca...
Por ti desperta ao sopro do desejo
A minha carne em flôr, que o viço touca...

E, pois que ninguem mais no mundo vejo,
Eis-me a esperar-te ansiosamente, louca
Para sorver na febre do meu beijo,
O favo ideal desta sanguinea bocca!"

Mas eu que te amo embora te resista,
Numa difficil, intima conquista
Da mais heroica força de vontade,

Antes quero a tantalica tortura,
Da renuncia que exalta e até depura
Que o desencanto da sociedade...

Força suprema

Porque tanto me attrahes e me torturas?
Bem quizera evitar-te e não soffrer...
Dize: por que entre tantas creaturas
Só tu de escravisar-me tens poder?

Porque tão singular tu te afiguras
E si procuro ás vezes te esquecer,
Mais penso em ti com zelos e ternuras,
Mais se accentua n'alma o meu querer?

Deixas-me assim sem forças, perturbada,
Como que mariposa fascinada
Tonta de luz e sem poder fugir...

Como a ave que, aos olhos da serpente,
Vê o perigo angustiadamente
Mas vae se approximando sem sentir...

Ingratidão

A Francesca Noziéres

'Pára! Escuta! Gentil samaritana
'Que vaes passando alegre e distrahida:
Até que emfim te encontro em minha vida
Vertiginosa, insipida e profana...

Venho cansado, a bocca resequida,
Numa ansia de Belleza Soberana
E a redempção que sonho ha tanto, mana
Do teu carinho, ó minha Promettida!"

E eu ingenua te ouvindo peregrino,
Dei-te do Amor o nectar crystallino
E a fronte no meu seio repousaste...

Mas, sem medir a graça que pediste,
O coração, meu cantaro, partiste
Pois que, seguindo, nunca mais voltaste!

Filho e amante...

Extatica me adore a humanidade,
Fiquem ao meu dominio as almas presas,
Para accender-me ardores ou vaidade
Busquem até, da terra, ás profundezas

Ou do mar, mil thesouros e grandezas
Nada ha que me surprehenda e que me agrade,
Nada dissipará minhas tristezas,
Serei mendiga de felicidade!

Sou mãe: arrebataram meu filhinho
— E eu não posso viver sem seu carinho
A mais linda ventura e excelsa palma! —

Porque este amor, que assim me transfigura,
Torna-te filho, não da carne impura,
Das fulgidas entranhas de minh'alma!

Saudade

Meu amor! Meu amor! a cada instante
Clama uma voz, que me vem d'alma, em vão!
Massacra-me a saudade, esta constante
Companheira de scismar e solidão...

Mas de rever-te a idea me garante
As alegrias que sobrevirão...
Tudo que eu soffro porque estás distante
Terá, emfim, sua compensação...

E um consolo suavissimo me invade,
Como que vingo a dôr desta saudade,
Meus acerbos tormentos e meus ais...

Pois, o dia almejado antegosando,
Sinto-te junto a mim, aos meus colando,
Os teus labios ardentes e sensuaes...

Meu perdão

"Abre as asas seraphicas e vôa
Como a pomba divina, espaço afóra,
Desprende a tua luz piedosa e bôa
Sobre a creatura que minh'alma adora...

E dize-lhe: a saudade me atordôa,
Já não supporto mais tanta demora...
Meu coração ferido lhe perdôa
E tudo esqueço, finalmente, agora!"

Ah! quando nos revirmos, meus ardores
Serão tantos e tão abrazadores
Que eu já receio novas desventuras

Elle peque por gosto e então briguemos...
Si o meu perdão encerra bens supremos
Suas culpas me crivam de torturas!

Vingança

A Francesca Noziéres

Em paga deste amor, de todo o bem
Que a minh'alma de joelhos, te offertou
Por teu encanto singular,
Féres-me fundo! Todavia,
Tenho um sorriso para as minhas dôres...
Sou como uma arvore que alguem
Num golpe rude decepou
E que ainda antes de tombar,
Galhos torcidos na agonia,
O seu algoz cobriu de flores...

Eram falsas bem sei, que já o previra,
As tuas phrases, teus fataes ardis...
Mas oh! nunca faltasse essa mentira
Que me fazia tão feliz!

Minha tristeza é o éco em que resôa
Um cantico dorido de saudade...
Ai! parece-me a mim, que tens na mão
Meu coração
E que o machucas sem piedade...
Pois seja assim...O pobre te perdôa!
Tortura-o, com teus dedos mais e mais
O amor só vale pelo sacrificio...
Dá-me volupia este suplicio:
Um mystico prazer só feito de ais...

Foges? Desprezas-me? Que importa?
A tua ingratidão mão me dissuade...
Para quem sabe amar de tal maneira,
Com tão profunda sensibilidade,
Não ha indifferenças nem distancias...
E a vingança suprema, verdadeira,
A que melhor conforta,
Consiste em querer mais, em ter mais ansias!

Para ver-te e cingir-te nos meus braços,
Apaixonadamente,
Para apertar-te ao seio com carinho,
Para sentir-te o rosto, a pelle quente,
A carne sã, não vejo escolhos
Nem embaraços...
Basta-me cerrar os olhos
De mansinho
Porque, sempre que o queira o meu desejo,
Tu ficas sendo meu e a minha boca
Sorve teu beijo
Numa alegria louca
E numa ansia esquisita
Como os mil labios de uma parasita
Enorme, possante,
Que enlaçasse
Num grande abraço sensual
Uma arvore verdejante
E quasi a suffocasse
Na sêde de beber-lhe o sangue vegetal...

Calvario

Longe de ti, tudo me faz rancor,
Odeio a vida, a propria creatura...
Quero estar só entregue á minha dor
Porque é grande este mal, não tem mais cura...

Sómente tu possues minha ternura...
Não me saes da lembrança, e o que é peior,
Uma saudade louca me tortura,
Tenho sede de ti, de teu amor!

Nada me satisfáz porque és meu tudo!
E embora me não queiras — não me illudo
Um dia, em scismas e recordações... —

Has de lembrar-me a mim que soffro tanto
Crucificada pelo teu encanto
Na cruz das mais sublime das paixões!

Duvida

Depois que te amo e vivo na incerteza
Que é, por certo, o mais rude dos tormentos,
Como que trago n'alma a natureza
Sob as rajadas dos tufões violentos...

De mil labios crestados e sedentos
Sinto toda a afflicção toda a aspereza,
Nem mesmo os meus subtis deslumbramentos
Podem furtar-me á angustia a que sou presa...

Ah! Si fora verdade o que me dizes,
Com que emoção, feliz entre os felizes,
Extraviando o rumo dos meus passos,

Surda ao mundo que espreita e que censura,
Eu te enfrentára, cheia de ternura,
Para cahir vencida nos teus braços!

Mysticismo

Flor vibrante dos meus castos desejos
Dá-me estas mãos alabastrinas,
Quero afagal-as muito, encher de beijos
As suas palmas delicadas, finas...

Deixa que te contemple o rosto num instante
De embriaguez que has de ver no meu olhar...
Deixa-me junto ao coração radiante
Tua cabeça estreitar...

Quero sentir dos teus cabellos
O sedoso contacto, ó meu amor!
E entre os meus dedos vel-os
Num desalinho encantador...

Depois, quando pousar o meu labio indiscreto
Em tua palpebra, has de perceber
Toda a meiguice deste affecto,
Tudo que sinto n'alma e não posso dizer!

Mas ouve: Esquecerei a tua bocca
(Sabendo que entre tudo é o que preferes...)
Para que provocar a fera louca?
Nem eu te sei beijar como tu queres...

Não te rias de mim, si é que te imponho
Algum tormento...
Não compensa a grandeza, o encanto deste sonho
A brutal alegria de um momento!

Pensar em ti

Pensar em ti...as palpebras descidas
E o silencio em redor...
Reviver as caricias recebidas
E as tuas phrases recompor...

Pensar em ti num doce encantamento
O olhar perdido na amplidão sem fim...
Pensar em ti nas horas de tormento
Que inneffavel consolo para mim!

Pensar em ti nas horas de tumulto
E envolver, em recondita abstracção,
Num grande afago immaterial teu vulto,
A transbordar de amor o coração...

Inda quando não quero, me appareces,
Pois desde que te vi,
Nas minhas preces,
Fico a rezar a Deus... pensando em ti!

Pensar em ti: gratissimo prazer
Que eu tenho sempre e sempre estou buscando...
Si até mesmo a teu lado, sem querer,
Eu me distraio em ti pensando...

Pensar em ti constantemente
Como isso me faz bem!
Para a minh'alma nunca estás ausente!
Si é mesmo assim quando se quer a alguem...

Contraste

Sol! Que é da tua força igneo gigante?
Rei! Que é do teu poder desmesurado?
Lembras um carro de oiro, flammejante,
Num abysmo sem fim precipitado...

Não pudeste vencer, rasgar, triumphal,
O turbilhão das nuvens plumbeas, densas!
Faz um dia monotono, hibernal,
Incentivo de magoas e descrenças...

Mas eu que outrora olhava a natureza,
Em dias taes, com tedio e nostalgia,
Hoje a contemplo inebriada, presa
De um doce, suavissima alegria...

E' que ha uma luz de estranho resplendor
Que suppre as luzes todas do universo,
Um clarão que vem d'alma, o sol do amor
Que aos meus olhos por tudo anda disperso...

O amor que é vida e os seres transfigura...
Pincel que em tudo põe lindos matizes...
O supremo thezouro da creatura
Pois que ricos e pobres faz felizes...

Que importa a ave não cante, fugitiva?
Resôa no meu intimo a canção
Dessa ternura que me traz captiva
E como que me embala o coração...

O dia é triste e o que minh'alma sente
E' não poder — eis todo o meu desgosto...
Apertar-te nos braços longamente
E nem cobrir de beijos o teu rosto!

Exaltação

Fala! Conta-me tudo que te inspira!
Empolga-me de enlevo e de surpresa:
Faz do teu verbo a mais augusta pyra
Onde a chamma do amor crepite accesa!

E ainda que me não ames com firmeza
— Si a verdade mais doce é a da mentira... —
Dize-me em phrases de arte e de belleza
Que só por mim todo o teu ser delira!

Minha ansia insatisfeita, pois sacia...,
Da-me piedosamente esta alegria!
Mas, antes da crepuscular saudade,

Antes que falte o melro terno e lindo,
Que tu me vejas, esta voz ouvindo,
Morrer de amor e de felicidade!

Romantismo

Abro a janella: um mixto de perfumes
Vem do meu jardim...
Vejo uma suave illuminura
Afagando papoulas
Lyrios de neve e rosas purpurinas...
Olho as estrellas pela altura
Phosphorecentes, opalinas,
Lembro um manto sem fim
De doiradas lantejoulas
Ou lindos vagalumes...

A noite está tão fria
Mas tão calma
E tão linda,
Que evoca a tua silhueta esguia
E a minh'alma
Clama por ti, numa ternura infinda!

Mas tu não vens
E eu tristemente scismo
Nessa alegria
Immensa que teria
Si te encontrasse em meu jardim...
Tu que, a um só tempo, tens
De Pierrot o adoravel mysticismo
E os ardores sublimes de Arlequim...

Ah! numa noite assim,
Vencendo todos os escolhos,
Poder sentir-te junto a mim,
Bem nos meus olhos os teus olhos...

O' a linguagem singular
De eloquencia, carinho e sentimento,
Que ha na mudez de certo olhar
E traduz o universo num momento!

E as tuas mãos
Nas minhas mãos...

A noite está tão fria!
Que silencio! na minha soledade,
Como este anseio me cruscia!
Como é grande, meu Deus, esta saudade!

Desassombradamente...

A *Gilka Machado*

Que me aguarde, por pena, o mais triste dos fados
E clamores hostis me sigam pela vida,
Que floresçam vulcões nos montes socegados
E trema, de revolta, a terra adormecida...

Que se ergam contra mim os seres indignados,
Como um quadro dantesco, em furia desmedida
E que, na propria altura, os astros deslocados
Rolem numa sinistra e tremenda descida...

Hei de ser tua um dia e offertar-te, sem pejo,
Vibrante, ebria de amor á chamma do teu beijo,
Esta alma virginal que ha tanto já te espera...

E então has de sentir vaidosa, intensamente,
Desabrochar em mim, num delirio crescente,
O instincto de mulher com ansias de panthera!

Lasciva

Milagrosa paixão transformadora
Que acorda, emfim, a bella adormecida...
Move-se, fulge a estatua qual si fôra
A mais sublime apotheose á vida...

Meu ser (certo isto em nada me desdoura)
Lembra uma harpa, de subito, tangida
E ante esta força ideal, dominadora,
Vibra numa ansia intensa e mal contida...

Por ti são os meus nervos mais que humanos
Pois tenho, ás vezes, impetos insanos,
Ao teu olhar apaixonado e langue,

De beijar brutalmente a tua bocca
E morder os teus labios como louca
Até sentir nos meus gostos de sangue!

Rendição

Eu mystica e subtil serva da Fantasia,
Alma branca de monja a meditar suspensa,
Que indifferente á vida e á Terra parecia
Uma estatua glacial, marmorea de Florença...

Que o humano repudiando e ao divino propensa
Aos ataques, no amor, serena resistia,
Que acceitei desdenhosa esta peleja intensa
Como uma rocha de aço, um gigante em porfia...

Mais fragil do que tu num hymno te proclamo,
— As armas a teus pés... e mais que nunca te amo!
Para que o teu orgulho, afinal, se compraza,

Glorioso vencedor, guerreiro destemido,
E te entrego submissa o premio merecido,
O tropheo cobiçado: a minha carne em braza!

Quando a voz morre...

Eu que te voto um culto abrazador
E vejo que me queres, saber tento
Por que essa estranha sensação de dôr,
Essa inquietude, esse acabrunhamento...

Não sei falar-te (emtanto nunca o amor
Foi tão bello e fecundo)... Si te enfrento
A commoção é tanta que um languor
Me invade, um singular atordoamento...

E ao ver-te os olhos e ao beijar-te a bocca
Resurge na minha ansia a idea louca
Que, de tanto querer-te, concebi:

Atravez dos olhares que teimando
E desses beijos que te dou, vibrando,
Poder sumir-me, entrar dentro de ti!

Humanamente...

Teus beijos
São abelhas doiradas e sequiosas,
Em lubricos adejos,
Sorvendo o nectar de sangrentas rosas...

E a minha carne que amas e bemdizes
E que supplicas, num vehemente rogo,
E' uma roseira virogosa, em flôr
Sentindo fundo, até nas proprias raizes,
Os teus beijos de fogo,
Os teus beijos de amor!

Grande amor

Quero-te tanto, tanto, que supponho:
Não se póde querer mais nesta vida!
Fazes tudo tão lindo e tão risonho
Que esta alma, absorta, todo o mal olvida...

Mas se te afastas meu amor, meu sonho,
Sou como quem, numa ansia dolorida,
De ha muito espera, o coração tristonho,
Uma doce ventura promettida...

Que tedio eu sinto quanto estás ldistante!
(Si és tu que me enches de felicidade
Numa fascinação de cada instante...)

Ah! como tudo em tua ausencia é triste!
Que isolamento agora! Que saudade!
...E faz uma hora apenas que partiste...

Holocausto

Punge-me uma ansia sobrenatural,
Ansia de Perfeição e de Impossivel,
De quem tenta galgar no proprio ideal
Uma grande montanha inaccessivel...

Baldado esforço! Lucta desigual!
Pois esquecendo tão mesquinho nivel,
Tenho em meus pobres olhos de mortal
Visões de um deus romantico e invencivel...

Sonho loucura ou não, delle me ufano!
Emtanto, porque és fragil e és humano,
— Tu que eu amo com cégo, immenso ardor —

Porque sem ti todo o universo é nada,
Eu sou como uma escrava revoltada
Da gloriosa miseria deste amor!

ERRATA

Na pag. 15, em vez de *micto* veja-se *mixto*
Na pag. 16, em vez de *esa* veja-se *essa*
Na pag. 44, em vez de *innefavel* veja-se *ineffavel*
Na pag. 62, em vez de *desejava* veja-se *desejara*
Na pag. 62, em vez de *poder* veja-se *pudor*
Na pag. 68, em vez de *sociedade* veja-se *saciedade*
Na pag. 72, em vez de *scismar* veja-se *scisma*
Na pag. 86, em vez de *cruscia* veja-se *crucia*
Na pag. 88, em vez de *gostos* veja-se *gosto*
Na pag. 90, em vez de *teimando* veja-se *te mando*
Na pag. 91, em vez de *virogosa* veja-se *vigorosa*

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
0000385507 3